

AS ESCOLAS DE ALVALADE

Do protagonismo nas Células Habitacionais à ancoragem da Estrutura Verde do Bairro (1945-1960)

ALVALADE SCHOOLS

From the empowerment of the Residential Units to the anchoring of the Green Structure of the neighbourhood (1945-1960)

Jorge da Rosa Neves & Paulo Tormenta Pinto

DINÂMIA'CET-Iscte, Portugal
jorge_gabriel_neves@iscte-iul.pt
paulo.tormenta@iscte.pt

RESUMO

A Estrutura Verde do Bairro de Alvalade encontra nas escolas, com localização determinada pela aplicação do conceito de “Unidade de Vizinhança” em sede do Plano de Urbanização da Zona a Sul da Avenida Alferes Malheiro (1945), a ancoragem e a continuidade entre a arborização da rede viária e o ajardinamento dos espaços intersticiais gerados pela rede de percursos pedonais hierarquizados entre estas e a habitação. Partindo da análise dos Projetos de Arborização e Ajardinamento dos Centros Escolares elaborados pela primeira geração de técnicos da Câmara Municipal de Lisboa com formação específica em arquitetura paisagista (ministrada em Portugal), o artigo observa as abordagens neste domínio que complementaram a reorganização dos logradouros promovida pelos Projetos de Arquitetura para os Grupos Escolares durante as fases de construção do *Plano dos Centenários*, onde a influência crescente do Movimento Moderno, como os Valores da Carta de Atenas, procura secundarizar a arquitetura do Estado Novo.

Palavras-chave: Bairro de Alvalade, Estrutura Verde, Interdisciplinaridade Arquitetura/Arquitetura Paisagista, Escolas.

Linha de Investigação: 1: Cidade e Projeto **Tópico:** Projeto urbano e espaço público

ABSTRACT

The Green Structure of the Alvalade Neighbourhood has in schools, with location determined by the application of the “Neighbourhood Unit” concept within the Plano de Urbanização da Zona a Sul da Avenida Alferes Malheiro (Plan of Urbanization of the Area South of Avenida Alferes Malheiro) (1945), the anchorage and continuity between the forestation of the road system and landscaping of interstitial spaces generated by the network of hierarchical pedestrian walkways among the schools and residential areas. Based on the analysis of Forestation and Landscaping Projects of School Centres elaborated by the first generation of technicians of the Câmara Municipal de Lisboa (Lisbon City Hall) with specific training in landscaping architecture (taught in Portugal), the article looks at the approaches in this domain that complemented the

reorganization of the patios promoted by the Architecture Projects for the School Groups during the building phases of the *Plano dos Centenários* (Centenary Plan), where the increasing influence of the Modern Movement, with the Values of the Athens Charter, tries to trivialise the architecture of the Estado Novo (New State).

Keywords Alvalade Neighbourhood, Green Structure, Interdisciplinarity Architecture/Landscaping Architecture, Schools.

Thematic clusters: City and project **Topic:** Urban design and public space

As Escolas no contexto do Bairro de Alvalade

Planeado em plena época de consolidação do Regime do Estado Novo e subjacente à política de expansão de Lisboa de Duarte Pacheco (1900-1943), o Bairro de Alvalade ocorre dos estudos do *Plano de Urbanização da Zona Sul da Avenida Alferes Malheiro*, elaborado na Direcção dos Serviços de Urbanização e Obras (D.S.U.O) da Câmara Municipal de Lisboa (CML) a partir de 1938 e com a participação de João Guilherme Faria da Costa (1906-1971) a partir de 1942 (Costa, 2002: 25). Visou expandir a cidade para Norte, complementando o previsto para a Encosta da Ajuda e para os Olivais em resposta à premente escassez de habitação (Lisboa, 1945: 25).

Faria da Costa estrutura o Plano em oito células habitacionais por cruzamento das vias que o limitam e o atravessam e pela aplicação do conceito de, “Unidade de Vizinhança” em torno da escola, daí resultando a distribuição de 4.000 a 5.000 habitantes por célula e a programação de 6 a 8 salas de aula de 40 alunos por Grupo Escolar, o que se adequava aos índices superiormente aceites (Lisboa, 1945: 11-13). A delimitação das células e o consequente cociente entre a área e o número de habitantes passam, portanto, a constituir fatores da definição da edificação e, por consequência, da organização do espaço urbano na célula e no Bairro.

Faria da Costa ao assumir quinhentos metros como distância máxima a percorrer entre a habitação e a Escola e, de forma protegida relativamente às vias estruturantes, propõe uma rede de percursos pedonais (Lisboa, 1945: 13), que encontra na abertura do logradouro a permeabilidade e a proteção necessária à sua implementação.

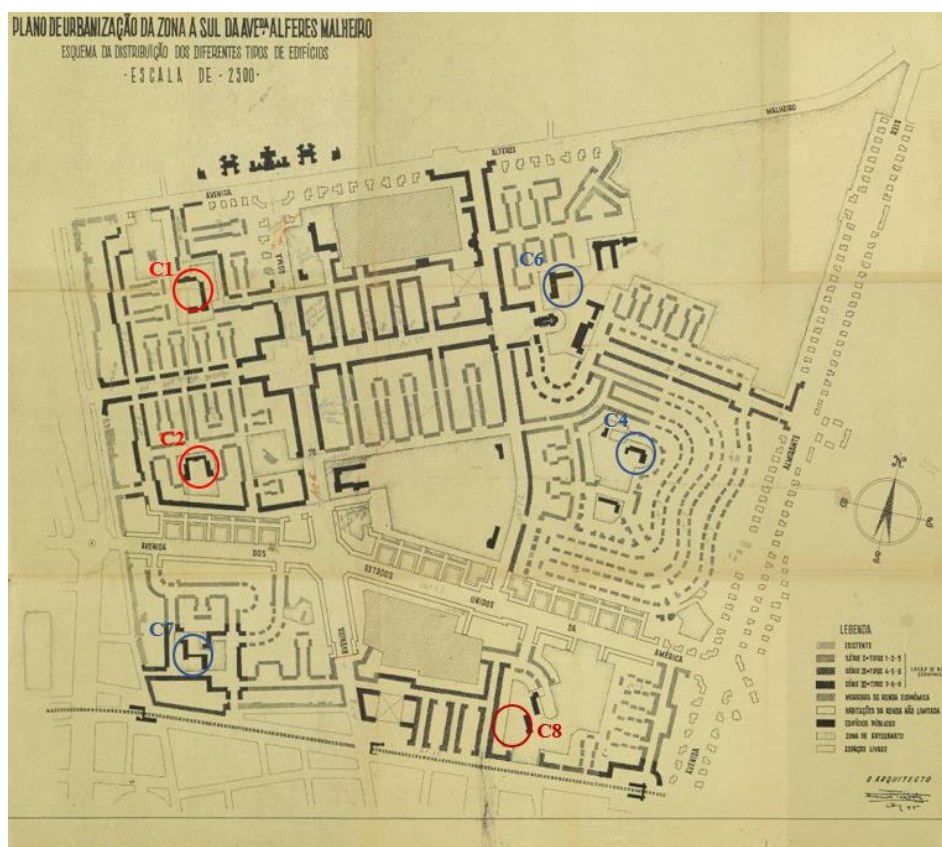
Os centros escolares das Células 1 e 2

No âmbito do *Plano dos Centenários* e na sequência do inquérito enviado em 1941 pela repartição da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) do Ministério das Obras Públicas (MOP), à época, igualmente sob a alçada de Duarte Pacheco, a CML inicia em 1944 o programa de construção de escolas primárias, prolongando-o até 1961 segundo quatro fases, em Alvalade apenas durante as primeiras três (DGPC, 2018).

Na primeira fase (1944-1950), as duas últimas edificações ocorrem nas Células 1 e 2, com projetos dos arquitetos Inácio Peres Fernandes (1910-1989) e Luís Américo Xavier (1917-1996) elaborados entre 1945-46 e em 1946 respetivamente. No que respeita à aparência, estes projetos assumem uma linguagem “Nacionalista de feição regional”, embora com influência moderna, estando ainda a sua construção integrada no contexto da experimentação de novos materiais que abrangeu igualmente a construção das casas de renda económica (Costa, 2002: 91).

A concretização do *Plano dos Centenários* coincide com o *I Congresso Nacional da Arquitectura* (1948) e a crescente afirmação do Movimento Moderno (Costa, 2002: 21), constituindo, portanto, um período controverso entre valores arquitetónicos contrastantes entre si, funcionalismo e modernismo versus tradição e nacionalismo, bem como outros afetos à conceção pedagógica do espaço-escola. Marcar-se-á, igualmente, pela resposta às limitações e a busca de novas soluções, quer em termos arquitetónicos quer em termos pedagógicos (Féteira, 2013: 100).

Na segunda fase de construção (1953-1957), a CML constrói os Grupos Escolares das Células 7, 4 e 6¹, com projetos dos arquitetos Ruy Jervis d' Athouguia (1917-2006) elaborado entre 1949 e 1952, Manuel Coutinho Raposo (1916-1999) e Cândido Palma de Melo (1922-2003) ambos de 1953. Estes projetos de influência modernista vão ter continuação na terceira fase entre 1957 e 1958 e de que são exemplos o Grupo Escolar da Célula 8 e o Liceu Padre António Vieira projetados por Ruy D' Athouguia, respetivamente em 1956-57 e 1959 (Costa, 2002: 91) e do Liceu Rainha D. Leonor elaborado por Augusto Brandão em 1957-1958. Estes liceus vão ser complementados pela Escola Técnica Elementar Eugénio dos Santos na Célula 3, construída em 1949 no âmbito da reforma do ensino técnico-profissional que almejava alargar a empregabilidade e a cooperação com grupos industriais em resposta à escassez de mão-de-obra qualificada (Prata, 2012: 34).



1ª Fase (1944-1950)

C1. Centro Escolar da Célula 1

C2. Centro Escolar da Célula 2

2ª Fase (1953-1957)

C7. Centro Escolar da Célula 7

C4. Centro Escolar da Célula 4

C6. Centro Escolar da Célula 6

3ª Fase (1957-1958)

C8. Centro Escolar da Célula 8

Figura 01. Localização e Faseamento da Construção dos Centros Escolares (Ensino Básico) do Bairro de Alvalade. Fonte: Autor 1, sobre Esquema da Distribuição dos Diferentes Tipos de Edifícios (Esc. 1/2500) do Plano de Urbanização da Zona a Sul da Avenida Alferes Malheiro. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa (AML), Ref. PT/AMLSB/CMLSB/UROB/EV/0545, p.3.

¹Localizado em *Planta da Cidade. Localização de Grupos Escolares (1953)*, Esc. 1/25.000, assim com o Grupo Escolar da Célula 8. AML, Ref. PT/AMLSB/CMLSBAB/PURB/002/04002, p.17.

Os projetos de Arborização e Ajardinamento dos Centros Escolares na afirmação dos arquitetos paisagistas na Câmara Municipal de Lisboa

A construção do Bairro coincidiu com a chegada à CML dos primeiros engenheiros agrónomos com formação específica em arquitetura paisagista ministrada a partir de 1942 no Instituto Superior de Agronomia (ISA), pelo Curso Livre de Arquitetura Paisagista, sob a alçada de Francisco Caldeira Cabral (1908-1992), licenciado neste Instituto em 1936 e recém-chegado a Portugal em 1939 após ter concluído o curso de arquitetura paisagista em Berlim sob a orientação do Mestre Prof. Wipking (Cabral, 1993: 14)².

Manuel de Azevedo Coutinho (1921-1992) e Gonçalo Ribeiro Telles (n.1922) em 1950 e Edgar Sampaio Ferreira Fontes (1922-2000) em 1953, constituem os primeiros técnicos a ingressarem na CML com esta formação (Câmara, 2015: 69). Integrados na 3ª Repartição – Arborização e Jardinagem (RAJ) da Direcção dos Serviços Técnicos-Especiais (DST-E) sob a chefia do engenheiro silvicultor José D'Orta Cano Pulido Garcia (1904-1983) irão desenvolver intensa atividade projetual nos designados “Projeto de Arborização e Ajardinamento” passando estes a partir de então a serem assinados sob a referência à especialidade de “Engenheiro Agrónomo com o Curso Livre de Arquitectura Paisagista”.

Entre estes, enquadram-se os projetos dos Centros Escolares³ onde os autores interpretam⁴ os projetos de arquitetura, perfeccionando a evolução arquitetónica em Alvalade subjacente às influências do Movimento Moderno (e da Carta de Atenas) em detrimento da arquitetura do Estado Novo. Este processo de quase uma década (Quadro 1) permite observar abordagens diferenciadas no enquadramento e na valorização dos edifícios escolares e respetivos logradouros, como se observa mais à frente, no entanto, fieis à matriz ecológica de Caldeira Cabral, aspeto que se tornará determinante para a composição botânica e coesão espacial da estrutura verde.

²Importa, neste contexto, relembrar o início da elaboração do *Plano Director de Urbanização de Lisboa* (Coordenado por Étienne De Gröer) e do *Plano de Urbanização da Zona a Sul da Avenida Alferes Malheiro*, ambos em 1938.

³Designação dos logradouros escolares adotada no âmbito da 3ª Repartição da DST-E.

⁴Considera-se “interpretação” pelo desfasamento temporal entre os projetos de arquitetura elaborados ou coordenados na DSUO e os projetos de arborização e ajardinamento elaborados na 3ª Repartição da DST-E (Quadro 01).

Fase de Construção	Grupo Escolar da		Projeto de Arquitetura (1945-1957)	Projeto de Arb. e Ajardinamento (1950-1959)	Designação atual (agrupamento de escolas) (2020)
1ª Fase 1944-1950	Célula 1	Autor Data Projeto Data Construção	Inácio Peres Fernandes 1945-46 1947-49	Azevedo Coutinho 1950 1951	Escola Básica do 1º Ciclo Santo António (Rainha D. Leonor)
	Célula 2	Autor Data Projeto Data Construção	Luís Xavier 1946 1949-50	Azevedo Coutinho 1950 1951	Escola Básica dos Coruchéus (Rainha D. Leonor)
2ª Fase 1953-1957	Célula 7	Autor Data Projeto Data Construção	Ruy d' Athougua 1949-52 1953-54	Edgar Fontes 1954 1954-55	Escola Básica do 1º Ciclo Bairro de São Miguel (Rainha D. Leonor)
	Célula 4	Autor Data Projeto Data Construção	Manuel Coutinho Raposo 1953 1954-55	Edgar Fontes 1956 1956-57	Escola Básica Almirante Gago Coutinho (ES3 Padre António Vieira)
	Célula 6	Autor Data Projeto Data Construção	Cândido Palma de Melo 1953 1954-5?	Edgar Fontes 1956-58 1958-59	Escola Básica São João de Brito (ES3 Padre António Vieira)
3ª Fase 1957-1958	Célula 8	Autor Data Projeto Data Construção	Ruy d' Athougua 1956-57	Edgar Fontes 1959 1960	Escola Básica Teixeira de Pascoais (ES3 Padre António Vieira)
Fonte			(Costa, 2002:88-94)	AML (1950-1959)	CML (2020)

Quadro 01. Projetos de Arquitetura e de Arborização e Ajardinamento dos Grupos Escolares – Síntese.

Os Jardins Públicos na abordagem aos projetos dos Centros Escolares das Células 1 e 2 (1ª Fase de Construção, 1944-1950)

Entre o Curso Livre de Arquitetura Paisagista e o ingresso na CML, Azevedo Coutinho estimula o seu enriquecimento interdisciplinar no complemento de projetos de arquitetura para equipamentos públicos no Campo Grande, território vizinho de Alvalade, por esta altura já em construção. Em 1949 projeta o "Parque anexo à Piscina Municipal" (Lisboa, 1949c) do arquiteto José Manuel Andrade (1891-1969) (Lisboa, 1949b) e em 1950 o arranjo da placa lateral ao Norte do Campo Grande" (Câmara, 1950f) e o plano de plantação de uma placa junto ao "Restaurante Alvalade" (Lisboa, 1950e) do arquiteto Keil do Amaral (1910-1975), responsável pelos espaços verdes da autarquia entre 1938 (Tostões, 1998: 45) e 1947.

Durante este percurso, Azevedo Coutinho elabora ainda em 1949 e por solicitação da DSUO o Relatório *A Arborização do Sítio de Alvalade* (Lisboa, 1949a), altura em que os projetos dos jardins municipais encontravam-se sob a alçada do arquiteto Luís Mateus Júnior (1913-1994), ingressado nesta Direção em 1944 (Câmara, 2015: 68).

A elaboração do relatório permitiu-lhe conhecer com detalhe o Plano de Urbanização da Zona a Sul da Avenida Alferes Malheiro, bem como o Plano Director de Urbanização de Lisboa (PDUL), aprovados em 1945 e 1948 respetivamente. No relatório, o autor interpreta as tipologias de espaços livres geradas pelo plano de urbanização, em alguns casos, já em construção, como os “Logradouros Comuns” entre as Casas de Renda Económica na célula 1 (Costa, 2002: 43), para os quais irá elaborar no ano seguinte, já como técnico integrado na RAJ, os respetivos projetos de arborização e ajardinamento (NEVES et al, 2018).

Aborda igualmente a relação a adotar entre os logradouros escolares e os jardins públicos que o envolvem, no entanto, sem se referir especificamente aos casos das Células 1 e 2 onde estas situações estavam previstas (Fig. 02). Face à exígua largura dos jardins (em particular na Célula 2), aponta para que fossem plantadas árvores de maior porte dentro do logradouro escolar, sem conflitar com os edifícios, oferecendo, simultaneamente, um fundo verde ao jardim e sombra no contorno dos recreios (Lisboa, 1949a: 45).

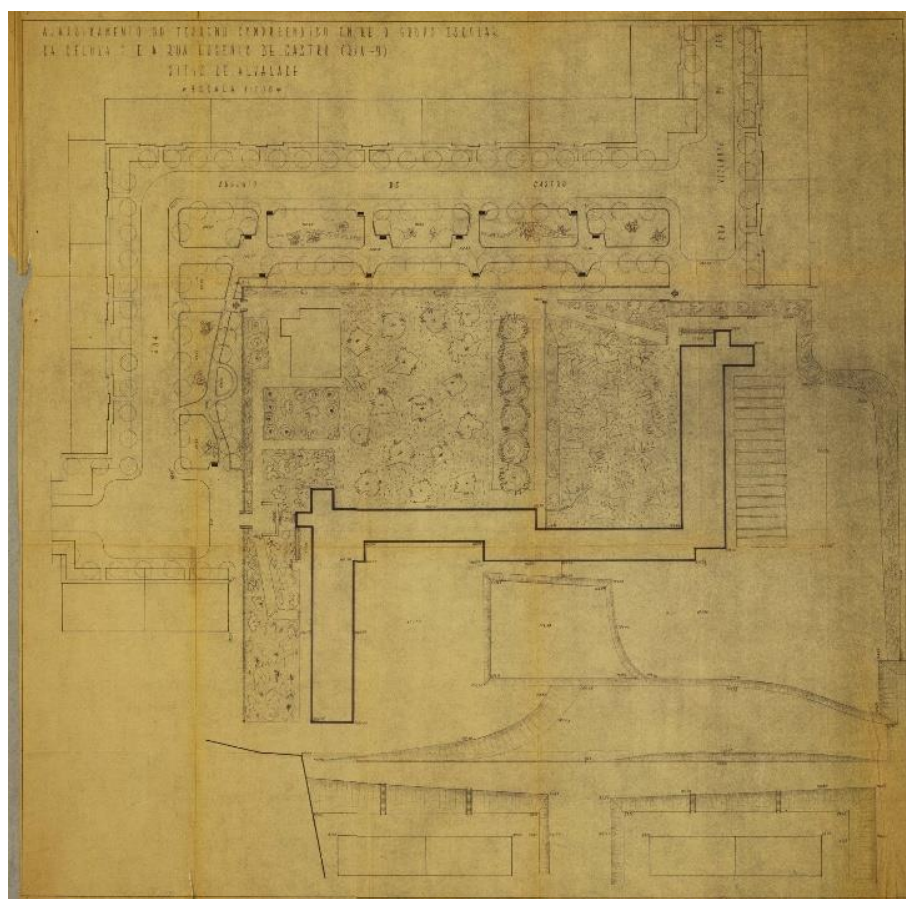


Fig. 02. CML\DSUO\Ajardinamento do Terreno compreendido entre o Grupo Escolar da Célula 1 e a Rua Eugénio de Castro (Rua 9), Esc 1/200, s.d..⁵ Fonte: AML. Ref. PT/AMLSB/CMLSB/UROB/EV/0752, p.28.

⁵Complementada por CML\DSUO\Jardim R. Eugénio de Castro/Célula 1 – Alvalade/Pormenor, Esc. 1/100, 1949. Ref. PT/AMLSB/UROB/EV/0828, p.2, com definição do pavimento e da vegetação por porte (árvores de grande porte e de fuste elevado no fundo do jardim, árvores de alinhamento e árvores de folha permanente e copa baixa junto ao arruamento).

Nota: Expressão da vegetação no logradouro, no entanto, sem relação com o jardim.

Azevedo Coutinho ao ser integrado na RAJ tem a oportunidade de colocar em prática as orientações que preconizou no relatório de 1949, na medida em que irá participar no projeto para o Centro Escolar da Célula 1 (Lisboa, 1951) e para o jardim envolvente e ser autor dos planos de plantação para o logradouro escolar da Célula 2 (Lisboa, 1950b) e do jardim em seu redor (Lisboa, 1950c).

O projeto para o jardim envolvente ao Centro Escolar da Célula 1 desenvolvido na DSUO e aprovado em 14.2.1949, beneficiou do contributo da RAJ desde 1949, no entanto, apenas com definição e programação das plantações pelo Chefe da Repartição José D' Orta Cano Pulido Garcia, que assegurou as medições (genéricas), o apuramento da estimativa orçamental e a preparação do caderno de encargos, posteriormente integrados no Programa de Concurso igualmente da sua responsabilidade. Os planos de plantação de árvores e arbustos para o jardim e para a parte do logradouro escolar confinante com este são aprovados posteriormente em 26.09.1950, commemória descritiva e estimativa assinadas por Azevedo Coutinho em 30.08.1950 e 23.09.1950, respetivamente (Lisboa, 1950a).

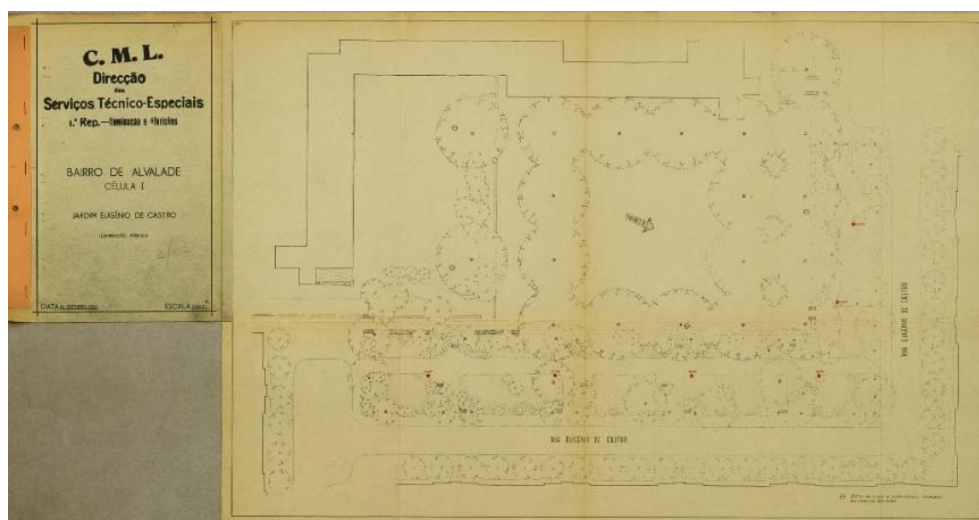


Fig. 03. Bairro de Alvalade. Célula 1. Jardim Eugénio de Castro. Iluminação Pública. Esc. 1/200 (1952). Fonte: AML. Ref. PT/AMLSB/CMLSB/UROB/EV/0840, p.2.

Nota: Perímetro do recreio nascente arborizado e relação com o jardim envolvente.

Na Célula 2, Azevedo Coutinho tem um papel mais interventivo e mais concentrado no tempo, permitindo projetar com detalhe e em simultâneo, numa lógica de puzzle de duas peças, os planos de plantação do logradouro escolar e do jardim envolvente. Para além das plantações, define no jardim o traçado e a pavimentação dos percursos, bem como a disposição do mobiliário urbano (Lisboa, 1950c). Neste exercício, segue o desenho do jardim da Célula 1, assumindo, nos mesmos termos, a relação com o edifício através da simetria dos canteiros e da plantação das árvores (Figs. 04 e 08). Em coerência com o que propôs em “A Arborização do Sítio de Alvalade” para jardins de reduzidas dimensões, evita assim soluções pretensamente

naturalistas, em benefício do sentido estético e artístico (Lisboa, 1949a: 36-37). Segue, portanto, Caldeira Cabral na observância do sentido da proporção e do equilíbrio, bem como da conceção coerente com o espaço e o tempo onde esta ocorre (Cabral, 1993: 18). Quanto ao porte arbustivo e herbáceo, Azevedo Coutinho apesar de localizar manchas em posições “aparentemente” simétricas, formaliza-as com contornos e espécies diferentes, interpretando-se aqui a intenção de evitar a monotonia e o enriquecimento do jardim do ponto de vista botânico, obtendo assim, ambiências diversas ao longo do ano.

Esta constatação permite interpretar na conceção do jardim duas abordagens distintas, mas complementares: Na relação arquitetónica com o Grupo Escolar (edifício e logradouro), ou seja, quando o jardim é observado do exterior, Azevedo Coutinho assume a simetria na implantação dos canteiros, na localização dos bancos e na plantação de exemplares de porte arbóreo da mesma espécie, como referido. Ao interpretar a fruição do jardim, o autor simula uma “aparente” simetria das manchas de arbustos e de herbáceas, no entanto, recorrendo a diferentes espécies e de porte aproximado de modo a não penalizar o efeito de conjunto pretendido.

Azevedo Coutinho ao promover esta dupla abordagem assume claramente os cânones da doutrina de Caldeira Cabral, nomeadamente, o da promoção do diálogo interdisciplinar, em particular, com a arquitetura, de que terá resultado um conjunto arquitetónico constituído pelo edifício, pelo logradouro e pelo jardim envolvente. Tê-lo obtido com vegetação endémica e característica da paisagem portuguesa é igualmente demonstrativo da observância dos valores ecológicos e paisagísticos defendidos pelo seu professor.



Fig. 04. Recreio ao ar livre Nascente do Centro Escolar da Célula 2 (1966). Fonte: AML, Ref. PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FDM/001946, p.1.

No Logradouro Escolar (Lisboa, 1950b), o autor propõe a plantação de Plátanos em redor dos recreios, sempre que a edificação o permite. No limite Sul opta por árvores de grande porte, Casuarinas e Tipuanas, promovendo maior intimidade perante a edificação da Rua António Patrício (Fig. 05). Esta disposição da vegetação, a que se associam critérios estéticos e funcionais, encontra, embora de forma esquemática, paralelo na Planta de Conjunto de Luís Xavier (Fig. 06), demonstrativa do entendimento dos dois autores sobre o enquadramento do edifício e a arborização do logradouro. Atendendo ao desfasamento temporal entre as duas intervenções (Quadro 01), poderá dizer-se que, neste caso, a arquitetura paisagista segue a predefinição da arborização, especificando-a mais tarde em projeto próprio.

Para o jardim, Azevedo Coutinho propõe alinhamentos de Choupos-brancos em ambos os lados da fachada principal do edifício, tal como aconteceu na Célula 1 (Fig. 04), prolongando-os neste caso pelas laterais exteriores dos recreios. Ao longo da Rua Fernando Pessoa e em posição mais afastada do edifício propõe Pinheiros-manso, aumentando a perceção da mancha de vegetação ao longo de todo o ano, ou seja, atribuindo-lhe papel referenciador enquanto espaço de convívio e recreio da célula.

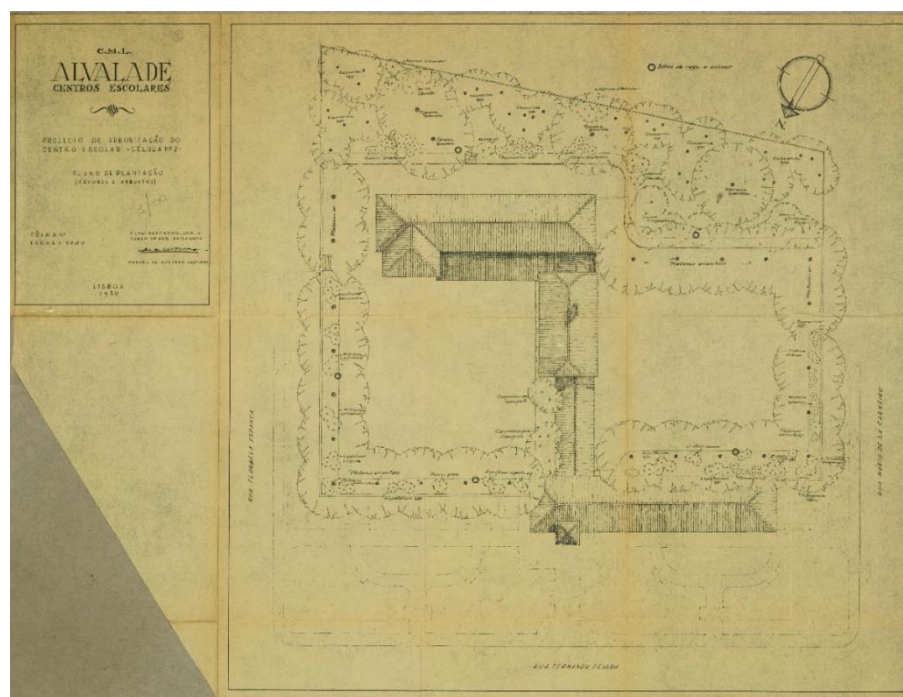


Fig. 05. Alvalade. Centros Escolares. Projecto de Arborização do Centro Escolar - Célula 2 (1950). Plano de Plantação (Árvores e Arbustos), Esc. 1/200, Azevedo Coutinho. Fonte: AML, Ref. PT/AMLSB/CMLSB/UROB/EV/0869, p.5.

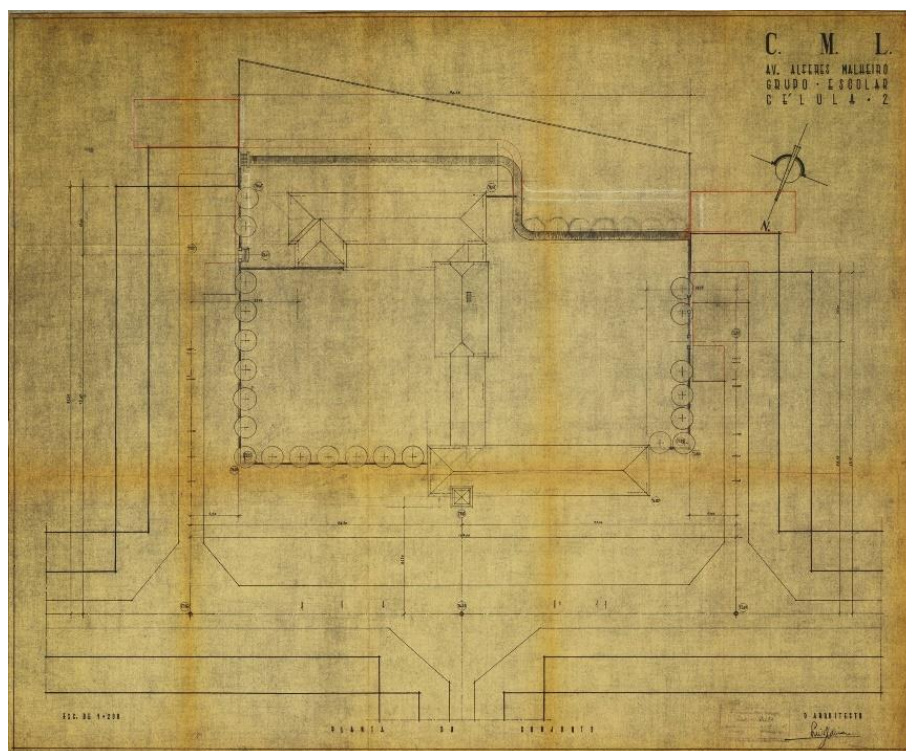


Fig. 06. CML. Av. Alferes Malheiro. Grupo Escolar. Célula 2. s.d.. Planta de Conjunto. Esc. 1/200. Luis Xavier. Fonte: AML. Ref. PT/AMLSB/CMLSB/UROB/EV/0869, p.7.

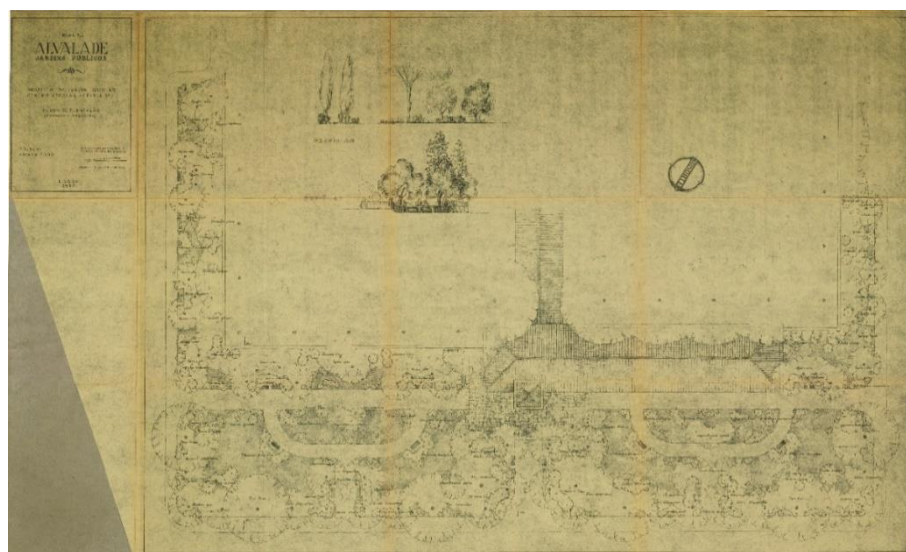


Fig. 07. CML. Alvalade. Jardins Públicos. Projecto do Jardim Junto à Célula n.º 2 (1950). Plano de Plantação (Árvores e Arbustos), Esc. 1/100, Azevedo Coutinho. Fonte: AML, Ref. PT/AMLSB/CMLSB/UROB/EV/0869, p.4.

Ao elaborar no mesmo ano os projetos dos “Logradouros Comuns” (Lisboa, 1950d) para estas Células, Azevedo Coutinho assegura através da sua arborização e ajardinamento a continuidade entre os Logradouros Escolares e a Avenida da Igreja, cujo projeto de arborização e ajardinamento ocorre igualmente pela sua mão em 1950.

Os Centros Escolares das Células 7, 4 e 6 (2ª Fase de Construção, 1953-1957)

Com maior influência do Movimento Moderno, a segunda fase é marcada pelos projetos de arquitetura de Ruy Jervis D' Athouguaia, de Manuel Coutinho Raposo (1916-1999) e de Cândido Palma de Melo (1922-2003) para as Células 7, 4 e 6 respetivamente, como mencionado, os quais complementar-se-ão pelos projetos de arborização e ajardinamento de Edgar Fontes elaborados entre 1954 e 1959.

Esta influência transforma a abordagem aos logradouros escolares, conferindo-lhes maiores áreas para arborizar e ajardinar, assim como a possibilidade de as conceber em continuidade. Esta alteração propicia a Edgar Fontes a conceção dos espaços verdes numa lógica orgânica, próxima à conceção defendida por Francisco Caldeira Cabral, em que os efeitos da oposição deveriam ser privilegiados em detrimento da simetria rígida, o que em termos da utilização da vegetação considerava sempre forçada e de difícil concretização (Cabral, 1993: 29), opção igualmente defendida por Azevedo Coutinho no Relatório, quando o espaço o permitia (Lisboa, 1949a).

O Centro Escolar da Célula 7

Para o Centro Escolar da Célula 7 Edgar Fontes elenca como prioritário o enquadramento e o isolamento do Grupo Escolar (edifícios e logradouro) face à envolvente, a diversificação de pontos de interesse e a escolha e disposição criteriosa da vegetação com vista a atenuar os custos de instalação e manutenção que, segundo o autor, deveriam ser inferiores aos dos jardins públicos.

Edgar Fontes promove o isolamento do logradouro com um maciço arbóreo-arbustivo de contorno orgânico, fazendo-o coincidir com a zona mais baixa do talude, evitando assim penalizar simultaneamente a leitura do conjunto e as vistas deste para o exterior. Formaliza-o utilizando um elenco diversificado de espécies adaptadas à região, na perspetiva de maior sucesso na instalação e de economia de recursos na sua manutenção futura (Lisboa, 1954).

Ao promover o isolamento do logradouro da envolvente, o mais possível, como enfatiza, o autor revisita o «sossego» e a «intimidade» do Jardim Português. Estas características encontram-se identificadas, contextualizadas nas diversas formas de as obter (muros, sebes talhadas e maciços de árvores e arbustos) e com proposta de preservação e de aplicabilidade em futuros projetos por Caldeira Cabral (1993: 119-131).

Ao transportar para o logradouro escolar essas características, Edgar Fontes reforça a conceção do logradouro enquanto espaço ajardinado, em detrimento de uma arborização meramente funcional ou de

enquadramento. A observação do maciço arbóreo-arbustivo a partir do logradouro e, em particular, do edifício, iguala a atenção do autor colocada no enquadramento do conjunto escolar na envolvente.

Partindo dos blocos definidos pela arquitetura, prevê para ambos os recreios zonas de jardim infantil e de pomar-horta. Por considerar que em espaços urbanos (cidade), os hortos e os pomares poderiam constituir a única oportunidade para os alunos apreenderem aspetos da prática agrícola e da vida das plantas, o autor propõe pequenas áreas em ambos os recreios, opção que segue nos logradouros dos Centros Escolares das Células 4 e 6.

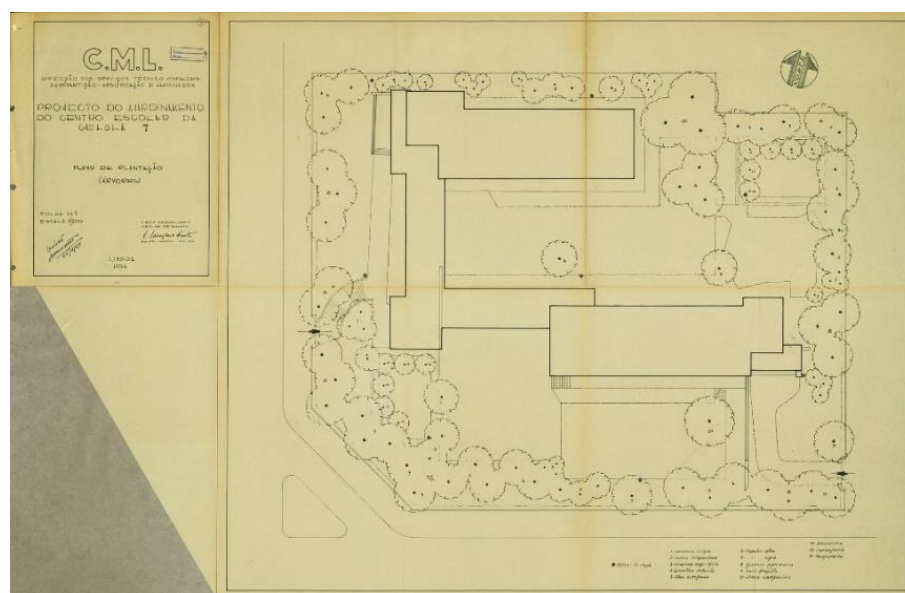


Fig. 08. Projecto do Ajardinamento do Centro Escolar da Célula 7 (1954). Folha n.º 2 - Plano de Plantação (Árvores), Esc. 1/200, Edgar Fontes. Fonte: AML, Ref. PT/AMLSB/CMLSB/UROB/EV/0809, p.8.

O Centro Escolar da Célula 4

O arquiteto Manuel Coutinho Raposo no Grupo Escolar da Célula 4 (Fig. 09) implanta o edifício e os recreios segundo duas plataformas, resolvendo simultaneamente a separação dos recreios por género e as limitações orçamentais para a construção do edifício. Na organização do espaço exterior, o autor retoma a lógica de complementaridade assumida por Azevedo Coutinho entre os Logradouros Escolares e os jardins envolventes nas Células 1 e 2, definindo duas áreas distintas, a de logradouro escolar em estreita relação com o edifício, subjacente à lógica das atividades letivas e de recreio, e a de jardim público entre a anterior e o arruamento, no entanto, com recurso a um desenho muito distinto e assimétrico. Da conceção da área exterior ao logradouro escolar interpreta-se a intenção em criar um jardim para encontro dos pais e encarregados de educação durante os períodos que antecedem o início e o fim das atividades escolares, mas igualmente para os moradores da célula atendendo à escassez de espaços para este efeito.

A zona de jardim, parcialmente em talude, reflete a opção do autor em utilizar as plataformas do terreno para a construção do edifício escolar e dos recreios, com o propósito de otimizar os recursos e o enquadramento

paisagístico do conjunto (Raposo, 1953). Os percursos sinuosos para além de esbaterem a perceção das pendentes em presença, permitiriam observar o edifício e a envolvente de diferentes perspetivas.

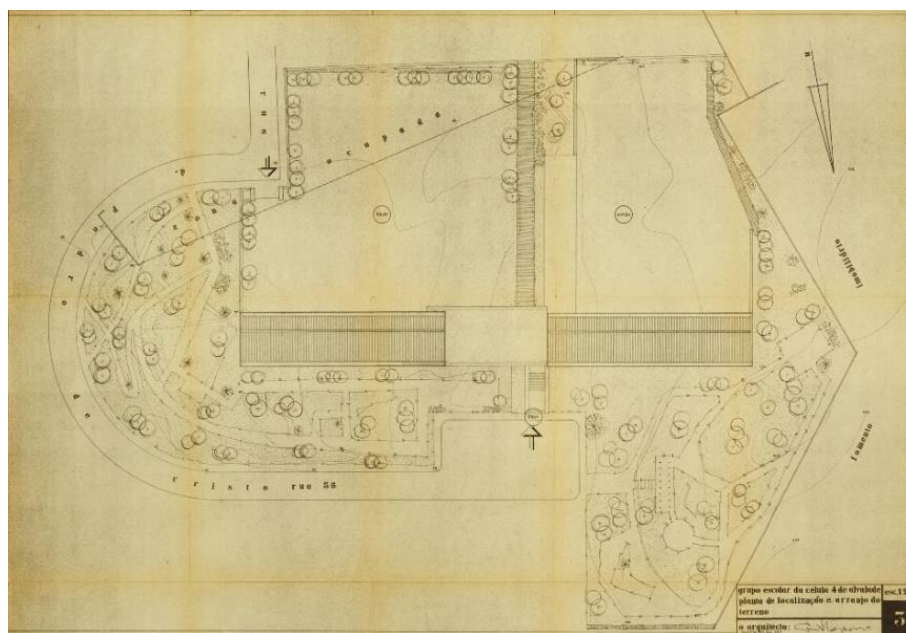


Fig.09. Grupo Escolar da Célula 4 (1953). Folha n.º 3 – Planta de Localização, Esc. 1/200. Manuel Coutinho Raposo. Fonte: AML, Ref. PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/10 /14, p.15.

Edgar Fontes ao projetar o Centro Escolar em 1956-58 (Fig. 10) reorganiza o espaço envolvente ao logradouro escolar, pelo aumento da área livre de circulação e de estadia e pela instalação de bancos de jardim em seu redor. Face a esta reorganização, a área de jardim inicialmente proposta por Raposo (1953) dá lugar a maciços arbóreo-arbustivos que acompanham as fachadas do edifício (à exceção da fachada sul com vista a não penalizar a entrada de luz) e os arruamentos circundantes. Interpreta-se nesta reorganização do espaço objetivo de favorecer as áreas de encontro dos pais, disciplinando ao mesmo tempo a utilização da vegetação na valorização do conjunto arquitetónico, no enquadramento das áreas de estadia e no seu isolamento face aos arruamentos.

Com o objetivo de aumentar a fruição ao longo do ano, Edgar Fontes articula a localização dos bancos com composições de diferentes espécies, proporcionando jogos de sombra e de exposição ao Sol, assim como diferentes pontos de observação do edifício. Também aqui segue a tradição do Jardim Português, onde as sombras e as zonas frescas em resposta ao clima contrastam com as zonas ensolaradas (Cabral, 1993: 131). Com este propósito, no estrato arbóreo recorre a Ulmeiros, Pinheiros-mansos e Plátanos, conjugando novamente espécies perenifólias e caducifólias e simultaneamente de copa arredondada e colunar, pelas razões anteriormente referidas (Lisboa, 1956).

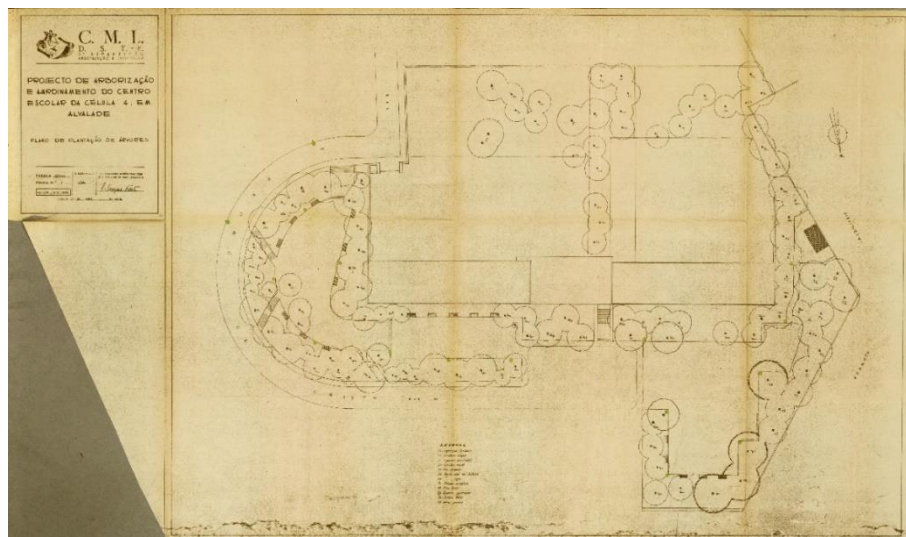


Fig. 10. Projecto de Arborização e Ajardinamento do Centro Escolar da Célula 4, em Alvalade (1954). Folha n.º 1 - Plano de Plantação Árvores, Esc. 1/200. Edgar Fontes. Fonte: AML. Ref. PT/AMLSB/CMLSB/UROB/EV/0750, p.13.

O Centro Escolar da Célula 6

No projeto para o Centro Escolar da Célula 6 (Fig. 11), Edgar Fontes promove o isolamento do logradouro face à envolvente, tal como nos projetos anteriores e com o mesmo tipo de vegetação, recorrendo no estrato arbóreo a Medronheiros, Pinheiros-mansos, Alfarrobeiras, Oliveiras, Plátanos, Olaias e Grevilias. Evita novamente compassos de plantação regulares e repetitivos, reforçando o carácter orgânico da composição (Lisboa, 1958).

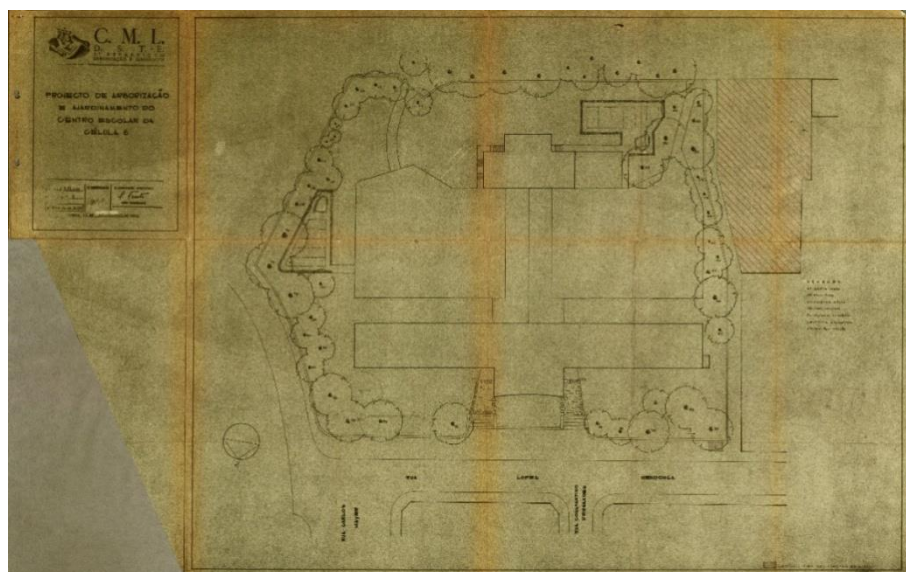


Fig. 11. Projecto de Arborização e Ajardinamento do Centro Escolar da Célula 6 (1958). Folha n.º 1 (Plano de Plantação de Árvores). Edgar Fontes. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa. Ref. PT/AMLSB/CMLSB/UROB/EV/0833, p.5A.

No contexto da Estrutura Verde do Bairro, subjacente à continuidade entre maciços de vegetação, quer por arborização quer por ajardinamento, merece referência o *Projeto de Enquadramento da Igreja de São João de Brito (Jardim)* elaborado por Ribeiro Telles em 1956-1958, onde o autor representa os maciços arbóreo-arbustivos definidos por Edgar Fontes para o contorno do logradouro escolar da Célula 6 (Fig. 12). Desta representação, interpreta-se existir entre os projetistas da RAJo objetivo concertado de promover a continuidade entre manchas de vegetação, independentemente da tipologia do espaço em que inserem, o que, por somatório, veio a permitir a criação da Estrutura Verde do Bairro.

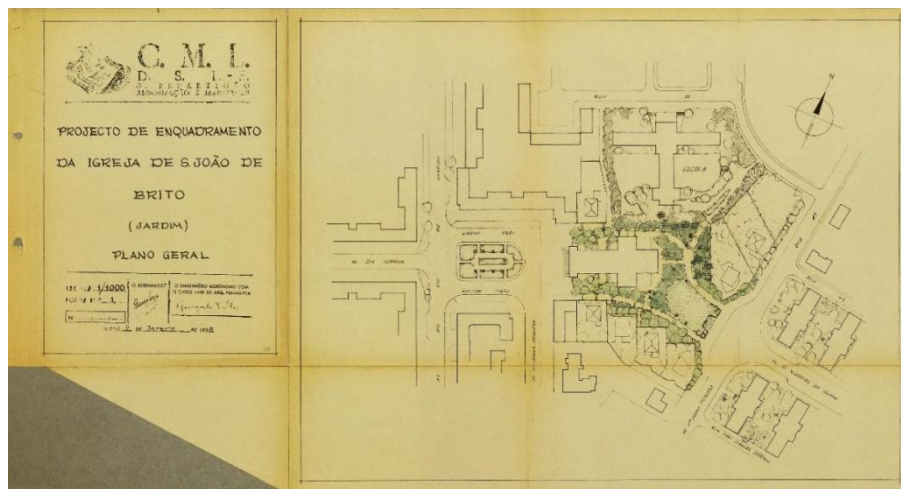


Fig. 12. Projeto de Enquadramento da Igreja de S. João de Brito (Jardim), (1958). Folha n.º 1 – Plano Geral, Esc. 1/1.000, Ribeiro Telles. Fonte: AML. Ref. PT/AMLSB/CMLSB/UROB/EV/0286 , p.20.

O Centro Escolar da Célula 8 (3ª Fase de Construção, 1957-1958)

O projeto do Grupo Escolar da Célula 8 elaborado em 1956-57 por Ruy D' Athouguia insere-se na terceira fase de construção de escolas que decorre entre 1957 e 1958, como anteriormente mencionado.

Edgar Fontes ao projetar o seu logradouro um ano depois, rege-se pela organização do espaço definido pela arquitetura, assumindo como pressupostos de projeto o isolamento do logradouro, a composição artística e funcional com recurso a espécies rústicas e adaptadas ao local, ou seja, os mesmos pressupostos seguidos anteriormente. Para além de recorrer, sensivelmente ao mesmo elenco botânico, e com mesma disposição orgânica no contorno do logradouro, procura, através da conjugação de espécies de porte arbóreo, arbustivo e herbáceo, a estabilização do talude que acompanha a Rua Teixeira de Pascoais e que enquadra a ponte os espaços de recreio do logradouro (Lisboa, 1959).

Como nota distintiva deste projeto, face aos anteriores projetados pelo autor, salienta-se a definição dos pavimentos e da rede de drenagem pluvial das áreas de recreio (Fig. 13), situação que ocorreu igualmente por Azevedo Coutinho no jardim da Célula 2 e com maior pormenorização.

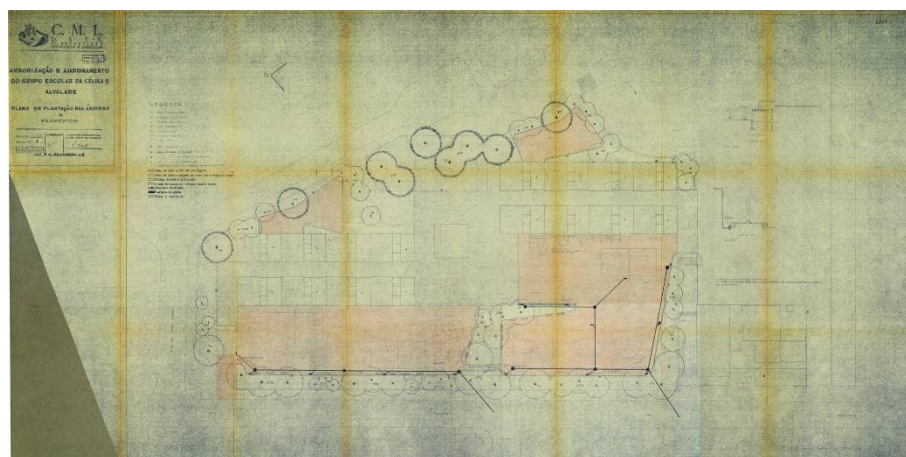


Fig. 13. Arborização e Ajardinamento do Centro Escolar da Célula 8 (1958). Folha nº. 1 – Plano de Arbustos de Árvores e Pavimentos, Esc. 1/200, Edgar Fontes. AML. Ref. PT/AMLSB/CMLSB/UROB/EV/0777.p.7.

Analisados os projetos de Edgar Fontes para os Centros Escolares, ressaltam como traços comuns a utilização criteriosa e a disposição orgânica da vegetação, independentemente do objetivo em resolver aspectos de natureza estética ou funcional. Conclui-se igualmente pelo recurso a espécies presentes na paisagem portuguesa, quer por serem espontâneas, tradicionais ou características desta, como estratégia para minimizar os custos da sua instalação e futura manutenção.

Observando as espécies e a disposição colocada no contorno dos logradouros escolares, interpreta-se, querna arborização quer no ajardinamento, abordagens distintas por Azevedo Coutinho e por Edgar Fontes. Enquanto Azevedo Coutinho assinala o contorno do logradouro com a plantação ritmada de uma única espécie de porte arbóreo, *Platanus orientalis* (Plátano), complementando-a por pequenos grupos de arbustos, Edgar Fontes “forra” o contorno do logradouro com a plantação de maciços densos e contínuos compostos por várias espécies de porte arbóreo e arbustivo, criando assim uma tela de volumes, texturas e de cores diversificadas ao longo do ano.

Partindo do pressuposto de ambos os autores seguirem a bitola doutrinal de Caldeira Cabral, esta diferente abordagem poderá ser explicada pela expectativa que Azevedo Coutinho colocava no desempenho dos jardins das Células 1 e 2 no enquadramento e no “isolamento” dos logradouros escolares que, como referido, projetou em simultâneo e segundo uma lógica de complementaridade.

Para além dos projetos mencionados para o Bairro de Alvalade, Edgar Fontes projeta entre 1955 e 1965 mais de uma dezena de logradouros escolares para a cidade⁶, dando assim um contributo importante para a sua estrutura verde, quer pela expressão das áreas que cria quer pela conectividade que possibilitam com outras.

⁶Grupos escolares da Calçada da Cruz de Pedra e do Bairro da Encarnação em 1955, do Alto dos Moinhos e do Alto da Picheleira em 1957, da Encosta do Restelo – Praça de Goa e do Alto de Santo Amaro em 1958, de Santa Quitéria, do Poço do Bispo, do Vale Escuro – 1ª Fase e do Bairro de Santos em 1959, do Bairro das Furnas em 1962, do Bairro dos Olivais em 1963 e de Palma de Cima em 1965. AML.



SÃO PAULO 15 ~ 17 · LISBOA 25 ~ 26 JUN 2020

Seminário Internacional de
Investigação em Urbanismo

Seminario Internacional de
Investigación en Urbanismo

<http://dx.doi.org/10.5821/siiu.9717>

Elenco arbóreo

A análise que se apresenta no Quadro 02, comparativa dos elencos arbóreos dos projetos para os Centros Escolares de Alvalade, permite concluir a existência de uma base comum entre as espécies propostas, para a qual terá contribuído o Curso Livre em Arquitetura Paisagista ministrado por Francisco Caldeira Cabral, onde os valores estéticos eram enquadrados por preocupações ecológicas subjacentes à preservação da identidade da paisagem. Segundo este, sempre que possível, deveriam recorrer-se a planos de plantação com árvores espontâneas, em detrimento das exóticas, porque asseguravam maior desenvolvimento face à melhor capacidade de adaptação ao meio (Cabral, 1993: 54). Este pressuposto como ferramenta de preservação identitária dos jardins e da paisagem portuguesa encontra-se igualmente defendida à época por Raúl Lino (1992: 81-82).

Nesta análise, verifica-se que a grande maioria das espécies arbóreas propostas constam do livro “A Árvore” (Cabral et. al, 1960) onde Caldeira Cabral e Ribeiro Telles as sistematizaram como *Espontâneas em Portugal Metropolitano*, e quando não Espontâneas, como *Tradicionais da Paisagem Portuguesa* e *Características dos Jardins Portugueses*. Conclui-se ainda pela maior expressividade destas espécies nos projetos de Edgar Fontes, e entre estes, uma tendência crescente ao longo dos anos.

A plantação de Pinheiros-manso junto à entrada dos Centros Escolares, ocorre igualmente como um aspeto comum entre os projetos de Edgar Fontes para os Centros Escolares das Células 4, 6 e 8 e o projeto de Azevedo Coutinho para o jardim envolvente ao Centro Escolar da Célula 2, o que se interpreta como uma opção de proporcionar maior referência urbana e proteção junto à entrada dos Grupos Escolares.

Espécies de Porte Arbóreo Nome Botânico (Nome comum)	Classifi- cação "A Árvore, 1960	1ª Fase	2ª Fase				3ª Fase
		1944-50 Célula 2 (1950) Azevedo Coutinho	Célula 7 (1954) Edgar Fontes	Célula 4 (1956) Edgar Fontes	Célula 6 (1958) Edgar Fontes	Célula 8 (1959) Edgar Fontes	
<i>Arbutus unedo</i> (Medronheiro)	EPM				•		
<i>Casuarina equisetifolia</i> (Casuarina)		•					
<i>Ceratonia siliqua</i> (Alfarrobeira)	NETPP	•	•	•	•	•	
<i>Cercis siliquastrum</i> (Olaia-comum)	CJP	•	•		•	•	
<i>Citrus sinensis</i> (Laranjeira)	NETPP		•				
<i>Corynocarpus laevigata</i> (Loureiro-da-nova-Zelândia)		•					
<i>Cupressus lusitanica</i> (Cedro-do-buçaco)	NETPP			•			
<i>Cupressus macrocarpa</i> (Cipreste-da-Califórnia)							
<i>Eleagnus angustifolia</i> (Oliveira-do-Paraíso)						•	
<i>Eryobotrya japonica</i> (Nespereira)	NETPP		•				
<i>Fraxinus angustifolia</i> (Freixo)	EPM		•			•	
<i>Ginkgo biloba</i> (Ginko)							
<i>Grevillea Robusta</i> (Grevilea)		•	•	•	•		
<i>Laurus nobilis</i> (Loureiro)	EPM						
<i>Magnolia grandiflora</i> (Magnólia-de-folhas grandes)							
<i>Olea europaea</i> (Oliveira)	NETPP	•	•	•	•	•	
<i>Pinus pinea</i> (Pinheiro-manso)	EPM	•		•	•	•	
<i>Platanus orientalis</i> (Plátano)	NETPP	•		•	•	•	
<i>Populus alba</i> / <i>Populus alba</i> "Bolleana" (Choupo-branco)	EPM		•	•			
<i>Populus nigra</i> (Choupo-negro)	EPM		•	•		•	
<i>Phytolacca dioica</i> (Bela-sombra)	CJP						
<i>Prunus cerasifera</i> (Ameixoeira-de-jardim)			•				
<i>Quercus pyrenaica</i> (Carvalho-negral)			•	•			
<i>Salix fragilis</i> (Salgueiro-frágil)	EPM		•				
<i>Schinus molle</i> (Pimenteira-bastarda)	CJP			•			
<i>Taxus baccata</i> (Teixo)	EPM						
<i>Tipuana speciosa</i> (Tipuana)		•					
<i>Ulmus campestris</i> (Ulmeiro)			•				
<i>Ulmus procera</i> (Ulmeiro)	EPM			•			
Nº de espécies Total		9	13	11	7	8	
Nº de espécies EPM		1	4	4	2	3	
Nº de espécies NETPP		3	3	3	3	3	
Nº de espécies CJP		1	1	1	1		
Nº de espécies (EPM+NETPP+CJP)		5	8	8	6	7	
		(55,6%)	(61,5%)	(72,7%)	(85,7%)	(87,5%)	
Fonte		(Lisboa, 1950b)	(Lisboa, 1954)	(Lisboa, 1956)	(Lisboa, 1958)	(Lisboa, 1959)	

EPM (Espontâneas em Portugal Metropolitano); NETPP (Não Espontâneas Tradicionais da Paisagem Portuguesa); CJP (Características dos Jardins Portugueses)

Quadro 02. Análise comparativa dos Planos de Plantação de Árvores para os Centros Escolares do Bairro de Alvalade. Fonte: Autor 1.

Notas conclusivas

A aplicação do conceito de “Unidade de Vizinhança” em torno das Escolas no *Plano de Urbanização da Zona a Sul da Avenida Alferes Malheiro*, com influência determinante na estruturação das Células Habitacionais e nos índices e modelos de edificação adotados, propiciou condições favoráveis ao estabelecimento de manchas de vegetação com expressão em posição central, em particular, nas células 1 e 2 por agregarem jardins na sua envoltória.

Os percursos pedonais entre a habitação e as escolas constitui, no domínio do Plano de Urbanização, mas igualmente dos Planos de Conjunto dos diversos projetos de arquitetura, aspeto preponderante na criação de espaços intersticiais que quando arborizados e ajardinados permitiram estabelecer continuidade entre a arborização dos arruamentos e o centro das Células Habitacionais.

Da interpretação dos projetos de arborização e ajardinamento para os Centros Escolares elaborados pela primeira geração de engenheiros agrónomos com formação em arquitetura paisagista ministrada em Portugal, conclui-se existir a preocupação em interpretar o contexto arquitetónico e urbanístico, o que, em si, é demonstrativo da predisposição para projetar em regime de interdisciplinaridade, em particular, com a arquitetura.

Conclui-se, igualmente, haver entre os projetistas a preocupação em utilizar espécies presentes na paisagem portuguesa, quer por serem espontâneas, quer por serem tradicionais ou características desta, independentemente do contexto arquitetónico e do desenho adotado, o que demonstra, à época, a forte presença da matriz ecológica do ensino da arquitetura paisagista em Portugal por Caldeira Cabral.

Em suma, as Escolas do Bairro de Alvalade, para além do papel que desempenharam na estruturação das Células, constituíram, pela vegetação que foram incorporando, os nós de amarração da estrutura verde do bairro, fortemente marcada pela arborização dos arruamentos e do ajardinamento dos espaços decorrentes da abertura do logradouro para contextos de fruição pública.

O desfasamento temporal entre os projetos de arquitetura e os de arborização e ajardinamento, na ordem dos cinco anos na primeira fase de construção (Células 1 e 2), progressivamente esbatidos nas fases seguintes, condicionou os contributos dos segundos autores na organização e composição dos logradouros escolares em Alvalade.

Referências Bibliográficas

- CABRAL, F. (1993). Fundamentos da Arquitectura Paisagista. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza. ISBN: 972-8083-12-2.
- CABRAL, F. & TELLES, Gonçalo (1960). A Árvore em Portugal. Lisboa: Ministério das Obras Públicas. Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização. Centro de Estudos de Urbanismo, em colaboração com o Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista do Instituto Superior de Agronomia.
- CÂMARA, M. (2015). Contributos da Arquitectura Paisagista para o Espaço Público de Lisboa (1940-1970). Tese de Doutoramento em Arquitectura Paisagista e Ecologia Urbana (Orientado por Professora Auxiliar Teresa Dulce Portela Marques). Porto: Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento do Território. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.
- COSTA, J. (2002) Bairro de Alvalade. Um Paradigma no Urbanismo Português. Lisboa: Livros Horizonte. Faculdade de Arquitectura. ISBN: 972-24-1198-5.
- FÉTEIRA, J. (2013). O Plano dos Centenários – As Escolas Primárias (1941-1956). (Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea sob a orientação de Margarida Brito Alves). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa.
- LINO, Raul (1992). Casas Portuguesas. Alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples. 11.ª Edição. Lisboa: Edições Cotovia e Herdeiros de Raul Lino. ISBN: 972-8028-25-3.
- LISBOA, C. M. (1945). Plano de Urbanização da Zona a Sul da Avenida Alferes Malheiro. Vol. I. I – Memória Descritiva e Justificativa. Lisboa: Arquivo da Secretaria do Ministério da Economia.
- LISBOA, C. M. (1949a). A Arborização do Sítio de Alvalade.
- LISBOA, C. M. (1949b). Centro de Desportos. Piscina Municipal.
- LISBOA, C. M. (1949c). Centro de Desportos. Projecto para o Parque Anexo à Piscina Municipal.
- LISBOA, C. M. (1950a). Alvalade. Jardins Públicos. Projecto do Jardim Junto ao Centro Escolar - Célula 1 (entre a Rua Eugénio de Castro e o Centro Escolar).
- LISBOA, C. M. (1950b). Alvalade. Centros Escolares. Projecto de Arborização do Centro Escolar – Célula N.º 2.
- LISBOA, C. M. (1950c). Alvalade. Jardins Públicos. Projecto do Jardim da Célula n.º 2, em Alvalade.
- LISBOA, C. M. (1950d). Arranjo dos Logradouros na Célula 1, no Bairro de Alvalade.
- LISBOA, C. M. (1950e). Plano de Plantação de uma Placa no Campo Grande junto ao Restaurante Alvalade.
- LISBOA, C.M. (1950f). Projecto para um Arranjo Formal da Placa lateral Norte do Campo Grande.
- LISBOA, C. M. (1951). Projecto de Arborização e Ajardinamento do Centro Escolar da Célula n.º 1, em Alvalade (2ª Fase)
- LISBOA, C. M. (1954). Projecto do Ajardinamento do Centro Escolar da Célula 7. Alvalade.
- LISBOA, C. M. (1956). Projecto de Arborização e Ajardinamento do Centro Escolar da Célula 4 em Alvalade.

LISBOA, C. M. (1958). Projeto de Arborização e Ajardinamento do Centro Escolar da Célula 6 – Alvalade.

LISBOA, C. M. (1959). Arborização e Ajardinamento do Grupo Escolar da Célula 8 – Alvalade.

PRATA, Ana Isabel (2012). Reestruturação e Adaptabilidade dos “Espaços Não-Lectivos”. A Reabilitação de Escolas Secundárias no âmbito do Programa de Modernização do Parque Escolar. (Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura, sob a orientação da Professora Doutora Marieta Dá Mesquita). Lisboa: Faculdade de Arquitectura – Universidade Técnica de Lisboa.

RAPOSO, M. Coutinho (1953). Ante-Projecto do Grupo Escolar da Célula 4 de Alvalade. Memória Descritiva.

TOSTÕES, Ana (1998). Modernização e regionalismo: 1948-1961. In “Arquitectura do século XX: Portugal”, n.º, p.45”.

Fontes eletrónicas

DGPC - Direcção-Geral do Património Cultural (2018). Aferição do Valor Cultural da Célula 7. Informação 143/DBC/DPIMI/UCC/2017. Proc. 2004/11-06/562/CI/91 (CsProcesso: 52057).

http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/patrimonio_imovel/classificacao_do_patrimonio/despachosdeberturaearquivamento/2018/eb1raullino/er1.pdf(consulta em 20.02.2020)

NEVES, J. R. &PINTO, P. T. (2018). “Dialécticas Projectuais. Os contributos do Bairro de Alvalade para a Estrutura Verde da Cidade de Lisboa”, *Cidades, Comunidades e Territórios*, n.º 36 (Jun/2018), 19-41.

<https://revistas.rcaap.pt/cct/article/view/12758>(consulta em 17.07.2020)